

MULHERES EM REVISTA - A CON- TRIBUIÇÃO FEMI- NINA NAS REVIS- TAS DO CML E DA AML (1921-2021)

MUJERES EM RE- VISIÓN - EL APOR- TE FEMENINO A LAS REVISTAS CML Y AML (1921- 2021)

Elizabeth Madureira Siqueira¹

Resumo: Objetiva-se com o presente artigo evidenciar e discutir a produção feminina no interior das Revistas do Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras, entre 1921 e 2021, assim como compreender o periódico enquanto mecanismo de recuperação da memória institucional.

Palavras-chave: Revistas do Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras. Produção intelectual feminina. Memória institucional. Mato Grosso-MT.

¹ Doutora em Educação, mestre em História. Curadora da Casa Barão de Melgaço. Membro do IHGMT e da AML.

Resumen: El objetivo de este artículo es destacar y discutir la producción femenina dentro de las Revistas do Centro y la Academia Mato-Grossense de Letras, entre 1921 y 2021, además de entender a la revista como un mecanismo de restauración de la memoria institucional.

Palabras clave: Revistas del Centro e Academia Mato-Grossense de Letras. Producción intelectual femenina. Memoria institucional. Mato Grosso-MT.

O ano de 2021 marcou o Centenário da Academia Mato-Grossense de Letras (1921-2021), criada enquanto Centro Mato-grossense de Letras, em 1921, e transformada mais tarde em Academia Mato-Grossense de Letras. Objetiva-se apresentar o conjunto de artigos literários femininos publicados no interior do periódico das duas instituições, quantificando esta produção e buscando estabelecer reflexões que apontem para a constituição da identidade institucional.

Hoje, as mulheres no interior da Academia Mato-Grossense de Letras somam **18**, sendo 13 vivas e 5 falecidas, num conjunto 40 membros, sendo **22** do sexo masculino, hoje vivos. Não que se tenha postergado o ingresso de literatas, pois já em 1921, o Centro Mato-Grossense de Letras admitiu Ana Luiza da Silva Prado, mais tarde Prado Bastos (Cadeira 27), em seus quadros, enquanto Tesoureira da primeira Diretoria.

Importante evidenciar as duas Acadêmicas que se dedicam ao estudo da literatura feminina, **Yasmin Jamil Nadaf** e **Marli Wolker**, autoras de inúmeros livros e artigos pertinentes ao tema.

O **primeiro artigo** da escrita feminina estampado na Revista do antigo Centro Matogrossense de Letras - CML foi publicado no ano de **1929**, de autoria de **Maria do Carmo de Mello Rego Curupira: Lenda Cuiabana** e inserido na seção *Páginas Esquecidas*. Já naquele ano, os escritos desta autora eram considerados raros e por isso mereceram publicação.

Dados Biográficos

Maria do Carmo de Mello Rego nasceu na Estância de Lencho, Departamento de Cerro Largo, Uruguai, provavelmente em 1840, segundo informações de Toniazzo². Veio para Mato Grosso, em 1887, acompanhando seu esposo, Raphael de Mello Rego, nomeado Presidente da Província. Tratava-se de uma intelectual independente e não integrante do Centro Matogrossense de Letras. Portanto, os pares daquele sodalício que antecedeu a Academia Mato-Grossense de Letras, privilegiaram *Curupira: Lenda Cuiabana* enfeitada no livro *Lembranças de Mato Grosso*, optando por publica-la no periódico institucional.

Por dois anos (16/11/1887 a 16/02/1889) o casal Mello Rego residiu em Cuiabá e ali tiveram contato, especialmente Maria do Carmo, com diversos indígenas, dentre eles os Bororo, nação da qual ela adotou um filho, a que chamou *Guido*. Foi ele para o Rio de Janeiro, quando o casal deixou Cuiabá, e na capital do Império contraiu grave doença, vindo a falecer. Em sua memória, Maria do Carmo de Mello Rego escreveu *Guido*, obra de grande repercussão à época.³

Maria do Carmo deu a lume também *Lembranças de Mato Grosso*⁴, reeditado pela Fundação Júlio Campos (1993), narrando suas impressões sobre a viagem pelo Rio da Prata até Cuiabá, além de retratar cenas do cotidiano da província, no final do século XIX. Sempre atenta aos costumes indígenas, escreveu sobre a índia *Rosa Bororo* (1895)⁵, capturada por uma bandeira punitiva no século XIX. Também publicou *Artefatos Indígenas de Mato Grosso*⁶ (1889), editado pela Imprensa Nacional e Arquivo

2 TONIAZZO, Carmen Lúcia. *Lembranças de Mato Grosso sob um olhar feminino: um estudo filológico*. dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), UFMT, 2011.

3 Ibidem.

4 Publicado originalmente no Rio de Janeiro: Leuzinger, 1897.

5 *Revista Brasileira*. Tomo II, Rio de Janeiro, 1895,

6 *Arquivos do Museu Nacional-RH*, v. X, 1899.

do Museu Nacional, trazendo grande contribuição à etnologia indígena dos Nambiquara e Paresi.

O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, considerando a raridade do conjunto de seus escritos, reuniu, numa única publicação⁷ *Artefatos Indígenas de Mato Grosso, Guido e Lembranças de Mato Grosso*, uma contribuição relevante para se conhecer a escrita de Maria do Carmo de Mello Rego.

Breves comentários do Artigo

O artigo *Curupira: Lenda Cuiabana*, publicado na Revista do CML do ano de 1929 (15), inicia comentando sobre a exploração aurífera em Cuiabá nos seus primórdios e a depredação dos terrenos em função da ganância dos mineiros. Casas, logradouros públicos e seu entorno sentiram o efeito dessa ação: “*Parece que não houve palmo de terra que não tivesse sido esquadrinhado, pedra que ficasse sobre pedra*”.⁸

A imediação da Igreja do Rosário, em Cuiabá, foi o ponto focal: “*Onde, porém, o espírito positivamente se sente acabrunhado, é quando, às horas melancólicas da tarde, pousam os olhos nas escavações que circundam a Igreja do Rosario, cujo altar-mór, segundo a tradição antiga, se ergue sobre preciosíssima jazida de ouro*”.⁹

Deste cenário de escombros surgiram lendas e imagens no imaginário popular, a exemplo do *Curupira* e da *alavanca de ouro*. Em sua descrição, Maria do Carmo simboliza o árduo e incessante trabalho dos negros escravizados, a mando de seus senhores, à procura da alavanca de ouro, instrumento facilitador da extração aurífera. A lenda incluiu uma figura

7 *Publicações Avulsas*, n. 44. Cuiabá: IHGMT, 2002.

8 Revista do Centro Matogrossense de Letras 1929 (15), p. 73.

9 *Ibidem*.

chave, o *Curupira*, representado por uma índia velha: “[...] de pele toda enrugada, olhos esbugalhados e lábios crestados de secura, a ponto de não poder fallar. Vendo-o, estendeu-lhe a mão, apontando depois para um riacho que por perto corria”.¹⁰

A índia se afogava no riacho quando foi socorrida pelo negro. Em agradecimento, ela lhe indicou como conseguir mais abundante ouro: “Quando algum dia sentires, ao cantar a anhuma, cair sobre a tua cabeça um pedaço de metal da tua côr, corre, sóbe, galga o fosso em que trabalhas, e lembra-te do bem que me fizestes agora”.¹¹ Com isso, a produção de ouro daquele escravo aumentou substancialmente, não precisando fazer tanto esforço durante a labuta. No outro dia se realizou a previsão da índia, quando ao meio-dia cantou a anhuma, e o negro, ao galgar o fosso, foi surpreendido com o desmoronamento súbito da terra, soterrando todos os trabalhadores, a exceção do preto Antônio, salvador do curupira.

Maria do Carmo finaliza o artigo dizendo que: “Muitos annos depois, nova empresa tentou a exploração daquele ponto mas chegou só às ossadas dos míseros africanos. E junto delas foi encontrada uma moeda de cobre com as quinas portuguesas, do valor de dois vinténs, que a curupira atirara quando o calor mais excitava a sede. Nunca, porém, mortal algum mais viu a alavanca de ouro, que entretanto ali existe, segundo a crença de muita gente, e como sempre afirmava o escravo que, por ter dado água à curupira, escapara da sua vingança”.¹²

Nessa medida, esta lenda da alavanca de ouro marcou o olhar de Maria do Carmo de Mello Rego que, mesmo pertencendo ao segmento das elites, interessou-se pelo saber popular. Esta lenda se tornou recorrente no imaginário cuiabano.

10 Idem, p. 74.

11 Idem, p. 75.

12 Idem, p. 76.

O **segundo artigo** feminino é de autoria de **Maria de Arruda Müller** e foi publicado na Revista do CML em 1931, dois anos após o primeiro. Trata-se do primeiro escrito por Acadêmica, enfeixando seu discurso de posse e o da sua recepção, proferido por Philogônio de Paula Corrêa.

Maria de Arruda Müller



Foto: Maria de Arruda Müller - foto: Divulgação/TVCA

Maria Ponce de Arruda, mais tarde incorporando o sobrenome do marido, ***Müller***, foi professora, cronista, poeta e pesquisadora. Nasceu em Cuiabá-MT, aos 9 de dezembro de 1898, descendendo de João Pedro de Arruda e Adelina Ponce de Arruda. Seus estudos iniciais foram obtidos no seio da família, que cultivava o hábito da leitura, o que fez com que a menina Maria fosse alfabetizada aos 5 anos de idade.

Diplomada professora pela Escola Normal Pedro Celestino, onde já demonstrava pendor pela carreira do magistério, veio a lecionar em diversos estabelecimentos de ensino da capital e, temporariamente, no Grupo Escolar de Poconé, onde seu esposo, Júlio S. Müller, foi diretor.

Integrou o grupo feminino que fundou e manteve por meio século o *Grêmio Literário “Júlia Lopes”*, instituição responsável pela publicação da Revista *A Violeta*, que circulou durante a primeira metade do século XX. Foi no interior do Grêmio que ela, ao lado de outras companheiras, deu início a um forte movimento, ainda nos primeiros anos da década de 1930, em prol do voto feminino a ser consignado na Constituição de 1934, ocasião em que conclamou as mulheres mato-grossenses a se inscrever como eleitoras.

Fundou o Abrigo dos Velhos e das Crianças de Cuiabá e teve uma importante atuação junto ao Conselho Estadual da Legião Brasileira de Assistência (MT), fundando também a Sociedade de Proteção à Maternidade e Infância de Cuiabá.

Quando Cuiabá completou 200 anos, em abril de 1919, casou-se com Júlio Strübing Müller, estadista nomeado Interventor de Mato Grosso durante o Estado Novo (1937-1945).

Um dos reconhecimentos regionais ocorreu no ano de 1992, quando o Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso, na gestão do Des. Odiles Freitas Souza, prestou homenagem a Maria de Arruda Müller, uma das primeiras mulheres a obter o título de eleitor,

Outra manifestação de caráter mais ampliado ocorreu em 2002, quando o então Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, entregou-lhe, em mãos, a comenda da *Ordem Nacional do Mérito Educativo*, na residência da homenageada. Com isso, a Acadêmica Maria de Arruda Müller se tornou, aos 103 anos de idade, a *Professora do Brasil*. Esse evento teve uma repercussão nacional e diversos jornalistas do Sudeste estiveram em Cuiabá para entrevistá-la.

Maria de Arruda Müller foi associada honorária do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e efetiva da

Academia Mato-Grossense de Letras. Integrou também inúmeras Instituições internacionais.

Faleceu em Cuiabá-MT no dia 4 de dezembro de 2003, aos 105 anos incompletos, fazendo-se presente e viva na história e na cultura mato-grossense.¹³

Comentários: o discurso de posse

Em seu discurso de posse no CML, Maria de Arruda de Arruda Müller salientou o valor das mulheres e sua capacidade de reivindicar o status de cidadã: *“Trabalhar neste cenaculo, onde pontificam as mais formosas intelligencias do meu Estado; saber d’aqui se abrangem mais amplos horizontes, vislumbrando mais ricos panoramas, fruir mais energia e mais denodo para entrar no plano que nos traça hoje a universal cruzada feminina reivindicadora dos direitos da mulher, de que a fundação do Gremio “Júlia Lopes”, em Cuiabá, há quinze anos passados, fora uma como clarinada avançada no recesso longinquo e ignorado da terra brasileira!”*¹⁴

Para demonstrar a produção feminina na Revista *A Violeta*, exaltou o seu papel enquanto veículo de circulação da escrita das mulheres em Mato Grosso: *“Esse grêmio literário com a sua revista, sustentados pela perseverança heroica de suas beneméritas cuiabanas, D. Bernardina Rich e Maria Dimpina Lobo Duarte, ainda ahi se acham para attestar o espirito conservador da mulher conterrânea, guardando como num gazophiláceo, preciosas e rutilas alfaias do seu caráter e da sua intelligência!”*¹⁵

No **discurso de recepção** a Maria Müller, o sócio

13 Site da Academia de Letras do Mato Grosso, 2021.

14 Discurso de Posse na AML. Revista do Centro Mato-grossense de Letras, 1931(19-20).

15 Ibidem.

fundador do Centro Mato-grossense de Letras, Philogônio de Paula Corrêa, não deixou de destacar a presença feminina no interior do Centro Mato-grossense de Letras, relembrando a primeira Acadêmica Ana Luiza Prado Bastos: *“Mais uma vez o Centro Mato-grossense de Letras para uma nova recepção, solenidade esta revestida de especial brilho, por se tratar de preencher a vaga aberta na Cadeira 15, com uma representante do sexo feminino. Por ocasião da fundação do nosso Centro, fora objeto de discussão se se devia ou não dar ingresso à Mulher na Companhia. A inclusão do nome de D. Ana Luiza Prado entre os fundadores, resolveu a dúvida”*¹⁶.

Philogônio, ao comentar a vanguarda atitude do Centro de Letras, não deixou de criticar a Academia Brasileira de Letras por vedar, até aquele momento, o ingresso de mulheres em seus quadros: *“Com esse gesto, vamos na vanguarda da nossa associação modelo, a Academia Brasileira de Letras que, escrava na interpretação do art. 2º dos seus estatutos condenou a candidatura de D. Amélia de Freitas Bevilacqua para a vaga de Alfredo Pujol, havendo já posto de parte, por ocasião de formação, os nomes de D. Júlia Lopes de Almeida, para fundadora, e de D. Carolina Michaelis, para correspondente em Portugal, por não serem do sexo masculino”*¹⁷.

Depois de enaltecer as qualidades de Maria Ponce de Arruda Müller enquanto mãe, esposa e professora, foi na produção intelectual de *A Violeta* que Philogônio encontrou base sólida para sua admissão, privilegiando e recortando trechos dos artigos em que ela ressaltava o segmento feminino em prol do progresso de Mato Grosso, do voto feminino e da igualdade de direitos entre os sexos, além de defender ferrenhamente Cuiabá enquanto a eterna Capital de Mato Grosso.

16 Ibidem.

17 Ibidem.

Desde sua posse, em 1931, foram estampados **15 artigos** de autoria de Maria de Arruda Müller na Revista do Centro e da AML: *Discurso de Posse*. Revista do Centro Mato-grossense de Letras 1931(19-20), *Um Quadro* (1932(21-22)), *Sonata ao Luar*, 1932(21-22), *Restauração*, 1932(21-22), *Melancolia*, 1933(1-2), *Cuiabá*, 1934(3/4), *Deus te Abençoe* (POESIA) 1935(5/6), *Nosso Lar* (POESIA) 1935(5/6), *Fundação de Cuiabá* (Conferência pronunciada a 8 de abril no Instituto Nacional de Música) 1938(11-12), *Discurso em Homenagem a Couto de Magalhães*. 1938(11-12), *Inteligência e Caridade* 1941-1942(17-/20), *A Rádio e a Cultura*. 1944-1945 (23-26), *Cadeira nº 7*. 1996 *Ante à Queimada*. 1991-1992, *Conformismo. Parte I. Poesia*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras n. 98, 2019

Vale lembrar que, de 1931 até 1985, ou seja, durante 54 anos, a maioria das mulheres que tiveram seus artigos publicados na Revista não pertenceram ao Centro ou à Academia Mato-Grossense de Letras, o que nos leva a indagar o porquê disso, pois o Centro admitiu a primeira mulher em 1921, por ocasião de sua criação.

A **terceira** mulher a escrever na Revista foi **Maria da Glória de Almeida Novis**, conhecida como *Glorinha Novis*. Não pertenceu aos quadros acadêmicos, mas sua poética *Recordação* foi incorporada na Revista da Academia Mato-grossense de Letras de 1933.

Dados Biográficos

Glorinha Novis, segundo seu primo João Alberto Novis Gomes Monteiro, “[...]nasceu em Cuiabá em 15 de setembro de 1915 e faleceu no Rio de Janeiro em 16 de dezembro de 1950. Formou-se professora pela antiga Escola Normal Pedro Celestino.

*Escreveu sua lírica amorosa basicamente em sonetos, externando um lirismo melancólico, carregado de ressentimento pela desventura amorosa. A poetisa publicou seus versos na década de 1930 nos periódicos do Estado, dentre os quais a Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, a Revista do Grêmio Literário Álvares de Azevedo e A Violeta*¹⁸.

Aos dois anos de idade perdeu a mãe, tendo sido criada pela avó materna, Rosa Alves de Almeida, que após 10 anos, veio também a falecer, o que obrigou Glorinha a regressar à casa paterna, passando a conviver com a madrasta.

Curtiu um amor não correspondido, com um jovem alemão, porém acabou se casando com Albano Dias, comerciante português, inspetor das Casas Pernambucanas e, depois, abriu comércio próprio.

Maria da Glória teve um casal de filhos: Lilian e Guilherme, porém, foi acometida de câncer de ovário, logo após o nascimento de Guilherme, vindo a falecer no dia 16 de dezembro de 1950, no Rio de Janeiro.

Para compreender melhor sua escrita, recheada de tristeza, vale lembrar que, aos episódios de perda, se somou a decepção por um amor não correspondido.¹⁹

Escreveu 3 artigos na Revista da AML: *Recordação*, 1933; *Dor*, 1938(11-12) e *Poema da Minha Terra*, 1939(13-14).

A **quarta** mulher a ver seus escritos estampados na Revista da AML foi **Ana Luíza Prado Bastos**, a primeira acadêmica a integrar os quadros do Centro Mato-grossense de Letras, uma vez admitida em 1922. Só registrou sua primeira colaboração no periódico no ano de 1935, com *Carinhos Maternos*.

18 MONTEIRO, João Alberto Novis Gomes. Diário de Cuiabá – DO Cultura; *Minha Tia Glorinha*. Cuiabá, 31/05/1995.

19 Ibidem.

A Revista de 1935 se revestiu de grande reconhecimento às Mulheres, abrindo com uma sessão especial intitulada *Elevação da Mulher*, iniciada com o artigo de D. Aquino *Cristianismo e Feminismo*, discurso pronunciado por ocasião da formatura das Normalistas da Escola Normal D. Bosco, de Campo Grande. Este foi o primeiro convite formal aceito por mulheres literatas já Acadêmicas, e também aquelas que não chegaram a pertencer aos quadros da instituição, o que se deu nos anos seguintes.

Dados Biográficos

Ana Luiza Prado Bastos



Foto acervo Casa Barão de Melgaço

Foi Ana Luiza Prado Bastos a primeira ocupante da Cadeira 6, por ocasião da fundação do Centro Mato-grossense de Letras, retornando à Academia Mato-Grossense de Letras na Cadeira 27. Nasceu em Cuiabá-MT, em 24 de agosto de 1898. Era filha de Egídio da Silva Prado e Regina Leverger Corrêa Prado.

No interior da Revista da AML, viu publicado *Carinhos*

Maternos 1935(5/6), *Discurso de Posse* 1947 (29-30) e *Carta Acadêmica*, em 1954-1955 (43-46)

Com a prerrogativa de ter sido a primeira mulher a ocupar a Cadeira n. 6, do Centro Mato-grossense de Letras, à época patrocinada por Francisco Catarino, integrou também sua primeira Diretoria, como Tesoureira.

Em seu discurso de posse, proferido anos mais tarde, ela relembrou o momento inaugural do Centro Mato-grossense de Letras e seu pioneirismo na admissão da mulher em seus quadros, destacando em seguida sua transformação em Academia Mato-Grossense de Letras. A proposta de admissão de Ana Luiza no CML foi feita inicialmente na segunda reunião preparatória, de 5 de junho de 1921, pelo sócio fundador Estevão de Mendonça, alegando as seguintes alegações: “[...][Anna Luiza Prado, nascida nesta capital, maior, professora pública. [...] tem igualmente colaborado na imprensa e é sem dúvida um dos mais belos espíritos da geração feminina actual, no nosso meio, e honrará o quadro dos sócios effectivos do Centro de Letras”.²⁰

Em 1923, se mudou para o então Sul de Mato Grosso, radicando-se inicialmente em Três Lagoas. Após seu casamento com o literato e jornalista Clodomiro de Oliveira Bastos, transferiu residência para Campo Grande²¹. Pelos Estatutos originais, foi ela transposta para a categoria de associada correspondente. Possivelmente, a forma como se passou, de sócia efetiva, para correspondente, cindiu-se exclusivamente ao cumprimento dos Estatutos do Centro Mato-grossense de Letras, datado de 7 de agosto de 1921.

20 Revista do Centro Mato-grossense de Letras, n. 1, Atas., 1922, p. 57.

21 RIBEIRO, Lélia Rita Euterpe de Figueiredo. Uma viagem ao universo sul-mato-grossense: Anna Luiza Prado Bastos. Revista do IHGMT, Ano LXVIII, Tomo CXLIV – 1996, p. 41-44

Na sessão de 24 de dezembro de 1923, Ana Luiza se despediu do Centro Mato-grossense de Letras, o que determinou sua transposição para associada correspondente. Por isso não pronunciou discurso de posse na Cadeira 6, naquela ocasião, mas somente mais tarde, em 1947, quando retornou aos quadros efetivos da AML, ocupando a Cadeira n. 27, patrocinada por José de Mesquita Sênior, o que ocorreu com a reforma dos Estatutos no ano de 1940.

Em tópico especial de seu discurso, a que denominou de À guisa de justificação, aclarou o porquê ter proferido seu pronunciamento de posse somente em 1947, ou seja, 26 anos depois de seu ingresso no Centro Mato-grossense de Letras:

A muitos parecerá estranho que somente agora me apresente neste augusto sodalício para cumprir as determinações dos Estatutos da Academia, qual o pronunciamento do discurso de posse, estudando a vida e obra do patrono da cadeira, se o meu nome já figura, embora imerecidamente, mais uma vez repito, sem falsa modéstia, entre os sócios efetivos desta agremiação literária desde os primórdios de sua fundação.

Permiti-me, senhores, à cadeia dos anos volvidos.

Conduzida pela mão bondosa do nosso venerando confrade Estevão de Mendonça, a quem me ligo por laços de parentesco espiritual, tive a grata satisfação de encontrar, por parte de antigos professores meus, a melhor acolhida, o que sobremaneira me desvaneceu, para colaborar convosco na construção desta casa que é hoje, o centro de gravitação da intelectualidade mato-grossense.

Entretanto, mercê de Deus, não me bafejou a aura pecaminosa da vaidade, nem vã jactância pairou de leve no meu espírito ainda em formação, antes, o meu assentimento repousou no único mérito que julguei possuir, se assim se pode chamar o exato cumprimento do dever pelo devotamento à árdua profissão

que abraçara.

Figurei, assim, qual frágil gramínea à sombra dos robustos jequitibás da flora intelectual mato-grossense, haurindo com eles, no mesmo solo, o húmus vivificante à espiritualidade patrícia. E sob esse influxo benéfico, como a candeia bruxuleante, ao lado dos custosos candelabros de cristal, na magnificência dos templos, ilumina também o trono Onisciente e Onipotente, venho, desde então, desvendando aos pequeninos da nossa terra o caminho que conduzirá à veneração dos pôsteres.

Penso haver esclarecido a inclusão do meu nome entre os luminares desta Academia, falando mais alto o coração que o cérebro.

Contingências da vida levaram-me a transferir residência para fora da capital, passando então à categoria de sócia correspondente.

Ampliando a Academia seu quadro social, com a criação de outras poltronas, novamente pulsam corações amigos, indo buscar-me, na obscuridade literária em que tenho vivido, tão afeita somente ao cultivo das flores vivas da minha escola, para ocupar a cadeira de José de Mesquita Sênior.

Indizível, senhores confrades, foi a grande satisfação que experimentei, pela lhanura desse vosso gesto, cuja lembrança há de perdurar por toda minha vida e o conforto que me proporcionastes, no momento em que meu espírito se chocava de encontro a uma injustiça sofrida, a maior talvez e praza a Deus, a última que sobre meus ombros pese, é também intraduzível.

Dou, assim, satisfação pública e cabal da minha ousadia, apresentando-me novamente entre vós. Compartilhando das festas jubilares deste dia e entoando convosco o epicínio aos numes tutelares desta casa.²²

O Acadêmico que a recepcionou em 1947 foi o então Presidente da AML José de Mesquita, filho do Patrono, que discorreu sobre os talentos de Ana Luiza finalizou dizendo: “Esta casa é sua – desde que a fundamos. Entrando, não se esqueça

22 BASTOS, Ana Luiza Prado. Discurso de posse na Cadeira 27. Revista da AML, 1947.

que, companheira da primeira hora, contávamos com esta visita, sempre esperada e que nos chega em hora jubilosa e alvissareira, para, juntos, festejarmos a sua posse [...]”²³

Era ela chamada pelos amigos e familiares de “*Professora Galega*”. Ubaldo Monteiro da Silva²⁴ destacou os últimos tempos de vida da Professora Galega: “*Na velhice fora a senhora austera, respeitada, de belos predicados, frutos da rígida educação de berço, a que a sociedade-elite de Cuiabá de outrora, se sujeitava*”.

Em Campo Grande fundou a Escola Barão de Melgaço, em homenagem ao seu bisavô materno, Augusto Leverger. Ali trabalhou como diretora e professora durante 30 anos. Na avaliação de Lélia Rita Euterpe de Figueiredo Ribeiro, “Esta escola foi um dos estabelecimentos de ensino particular de grande relevância para a educação e instrução da criança campo-grandense. [...] coadjuvada por grandes mestras, entre as quais a Professora Lucina Prado de Albuquerque, sua irmã de sangue e de ideais, formando com esta parceria imbatível no ensino primário campo-grandense, além de tantas outras ilustres mestras, entre as quais citem-se Otília Corrêa da Costa, Joana do Couto Vieira Pontes, Dinah Ponce van den Boch, Moreninha Teixeira”.²⁵ Lecionou também na Escola Normal Joaquim Murтинho, até a década de 1950.

Ana Luiza colaborou, por anos, junto ao jornal de Campo Grande *Folha da Serra*, onde assinava como *Delorme Vaz*.

Nos últimos anos de sua vida no Rio de Janeiro, para onde se mudou, escreveu uma poesia para seu bisavô, Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, convivendo com a melhor safra de

23 Ibidem, p. 130.

24 *Discurso de posse na AML*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1996

25 RIBEIRO, Lélia Rita Euterpe de Figueiredo. Op. Cit., p. 42.

mulheres que ajudaram a construir nossa identidade cultural, sendo seus trabalhos referências bibliográficas a quantos queiram saber sobre a vida literária dos tempos de sua afirmação em nosso cenário cultural²⁶.

A **quinta** mulher a ter seus artigos estampados na Revista da AML foi **Maria Dimpina Lobo Duarte**. No interior da *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, colaborou com os seguintes artigos, publicados entre os anos de 1935 e 1946: o primeiro deles foi *3 de Abril*, estampado na Revista 1935(5/6), Seguiram-se *Poema do Sino*. 1936(7-8), *Amor e os Poetas*, 1937(9-10), *Discurso do Apresentante do Grêmio Literário Júlia Lopes*. 1940(15/1 6), *Ama as Estrelas*. 1943(21-22), *Materialização*. 1943(21-22), *Sonho* 1943(21-22), *No Álbum de Antonieta*. 1944-1945 (23-26), *Norma*. 1944-1945 (23-26), *Carta para Minha Filha*, 1944-1945 (23-26), *Carta para Minha Filha*, 1954-1955 (43-46), *O Dr. José Gondim*. 1950-1951 (35-38), *Liza*. 1954-1955 (43-46), *Áureo Jubileu*. 1956 (47-48), *Discurso no Enterro, em Nome da Família Cuiabana*, pronunciado por ocasião do sepultamento de D. Francisco de Aquino Corrêa, 1956 (47-48). *Pássaro Dourado*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1957-1958 (49-52). *Rondon*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1957-1958 (49-52)

Dados Biográficos

Maria Dimpina nasceu em Cuiabá, no dia 13 de maio de 1894, e faleceu a 10 de dezembro de 1966.

Foi uma das mais conhecidas e atuantes personalidades de Cuiabá, visto seu percurso precoce enquanto estudante, pois foi

²⁶ FERREIRA, João Carlos Vicente. *Discurso de Posse na AML*, Caderia 27.

a primeira mulher a frequentar regularmente o Liceu Cuiabano, numa época em que a instituição se destinava somente para o sexo masculino. Formada aos 16 anos, dedicou-se ao Magistério, lecionando na Escola Modelo Barão de Melgaço e fundou o Colégio São Luiz, onde foi proprietária, diretora e professora.

Casou-se aos 24 de setembro de 1922 com Firmo Pinto Duarte, filho legítimo de Joaquim Pinto Duarte, e de Eulália Ramos Duarte e tiveram cinco filhos: Francisco Benedito Lobo Duarte, nascido a 7 de maio de 1923, Joaquim Lobo Duarte, nascido a 7 de junho de 1924, Firmo Pinto Duarte Filho, nascido em Cáceres a 16 de janeiro de 1928, Amélia Regina, nascida a 29 de abril de 1929 e Maria Eulália Lobo, nascida a 7 de junho de 1931 (Alencar, Aduauto Dias de. Genealogia Mato-grossense, v. 1).

Detentora de grande inteligência, prestou concurso público federal para postalista e foi aprovada em primeiro lugar, passando a trabalhar nos Correios de Cuiabá. Foi a primeira mulher a ocupar um cargo público federal em Mato Grosso.

Após o casamento, Maria Dimpina Lobo Duarte escreveu em diversos periódicos, especialmente na Revista *A Violeta*. Utilizava os pseudônimos “*Arinapi*” e “*Martha*”.

Por ocasião das comemorações do Centenário do seu nascimento, em 1994, Dunga Rodrigues fez questão de proferir algumas palavras sobre a homenageada, quando da colocação de seu retrato no Colégio Coração de Jesus, em Cuiabá. Disse ela: *Maria Dimpina foi uma incansável lutadora, um exemplo do valor, da firmeza, da dedicação às causas que ela abraçou desde muito jovem. Em todas as campanhas que o Grêmio participou, festas cívicas e beneficentes, como a oferta da bandeira brasileira ao Tiro de Guerra Batista das Neves, a campanha de auxílio à*

Cruz Vermelha, quando da primeira Guerra Mundial, o plantio de árvores na praça denominada Largo do Ourique, no dia consagrado à árvore, na campanha pró-alistamento eleitoral feminino, que o Grêmio Júlia Lopes patrocinou, esteve ela sempre na vanguarda, preparando muitas eleitoras. [...] quando da minha gestão frente da Legião Brasileira de Assistência, criamos a Escola Doméstica, que de muito tempo fora uma das proposições do Grêmio Júlia Lopes, demos a incumbência a maria Dimpina, de organizar e dirigir a referida escola que, se foi de efêmera duração, devido à falta de apoio governamental, chegou, entretanto, a diplomar duas turmas de alunas, as quais demonstraram real aproveitamento. E finalizou: Foi ela, sem dúvida, o paradigma de um avançado modelo feminino que então, no longínquo Mato Grosso, abriu caminho para a emancipação cultural e material da mulher, época em que em todo o país escasseavam esses modelos.”²⁷

Maria Dimpina Lobo Duarte integrou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, lutando por suas causas, especialmente o direito da mulher ao voto e pela liberdade profissional.

Lutou pela construção de uma Estrada de Ferro para o norte de Mato Grosso e também por rodovias.

A Prefeitura Municipal de Cuiabá conferiu o seu nome a uma das escolas no bairro Coxipó da Ponte e a uma rua no bairro Boa Esperança, no ano de 1959, após três anos da sua morte. Recentemente, no dia 07/06/2021, a mesma Prefeitura inaugurou a reforma da Escola Cívico-Militar Maria Dimpina Lobo Duarte.

Seu nome integra também o Núcleo de Estudos Afro-

²⁷ RODRIGUES, Dunga. *Discurso pronunciado por ocasião do centenário de Maria Dimpina Lobo Duarte*. Acervo Dunga Rodrigues, PI 274, p. 110-124.

brasileiro, Indígena e de Fronteira (NUMDI) *Maria Dimpina Lobo Duarte*, do Instituto Federal de Educação de Mato Grosso (IFMT), visto ser ela considerada negra.

A **Sexta** mulher a ter seus escritos publicados na Revista foi **Benilde Borba de Moura**. No interior da Revista da Academia Mato-Grossense de Letras ela foi articulista constante. Escreveu, entre 1936 e 1958, os seguintes artigos: *Poema do Sino* 1936(7-8), *Um Poeta* 1937(9-10), *Discurso do Apresentante do Grêmio Literário Júlia Lopes* 1940(15/l 6), *Ama as Estrelas*, 1943(21-22), *Sonho*, 1943(21-22), *Materialização*, 1943(21-22), *Norma*, 1944-1945, (23-26), *O Dr. José Gondim*, 1950-1951 (35-38), *No Álbum de Antonieta*, 1944-1945 (23-26), *Liza*, 1954-1955 (43-46), *Áureo Jubileu*, 1956 (47-48), *Rondon*, 1957-1958 (49-52), *Pássaro Dourado*, 1957-1958 (49-52)

Dados Biográficos

Nascida em João Pessoa, na Paraíba, aos 12 de outubro de 1914. Foi para Mato Grosso no ano de 1927, residindo em Cuiabá. Ali cursou a Escola Normal Pedro Celestino e lecionou no Grupo Escolar Barão de Melgaço, também conhecido como Escola Modelo. Nesta instituição lecionou desenho, disciplina também reproduzida na Escola Industrial de Mato Grosso (Hoje Instituto Federal de Educação). Publicou prosa curta e poesia em vários jornais mato-grossenses, como *O Estado de Mato Grosso*, *A Cruz*, *Tribuna Liberal* e *Folha Matogrossense*. Sua produção foi assinada com as iniciais de seu nome B.B., B.B.M., e também com seu nome completo²⁸. Na literatura, ficou reconhecida pelas suas Trovas, estilo de sua predileção.

28 Para melhor compreensão dos seus e de outros artigos editados em *A Violeta*, consultar NADAF, Yasmin Jamil, *Sob o signo de uma flor*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

A **nona** mulher a publicar na Revista da AML foi **Antídia Coutinho**. Nasceu em Araguaiana/MT (25/06/1904), formando-se no atual ensino médio, no ano de 1922. Foi funcionária pública dos ‘Correios e Telégrafos’. Vereadora eleita em 1947 (hoje município de Araguaiana). Destacou-se na luta política pelos direitos das mulheres, propagando vozes por todo o Estado. Foi destaque na literatura mato-grossense (Grêmio Literário ‘Júlia Lopes’, Revista *A Violeta*), com ações por toda a sociedade cuiabana. Foi delegada da Legião Feminina em MT.

Na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras publicou um único artigo, *Hora crepuscular*, no ano de 1937(9-10).Faleceu aos 16/02/1978.²⁹

A **sétima** mulher a ver seus escritos publicados na Revista da AML foi **Guilhermina de Figueiredo**.

Nasceu em Cuiabá-MT, no dia 5 de junho de 1911. Descendeu de Francisca Izabel de Figueiredo (Dona Feitiço) e João Lourenço de Figueiredo.

Guilhermina iniciou os estudos na Escola Modelo Barão de Melgaço, em Cuiabá, onde concluiu o primeiro grau. Prosseguiu os estudos junto ao Colégio Estadual de Mato Grosso, atual Liceu Cuiabano “Maria de Arruda Müller”, onde se formou Normalista, o que a habilitou a seguir a carreira de professora.

Em 1937, iniciou a carreira do magistério regendo a cadeira de Língua Portuguesa, na Escola Normal Pedro Celestino, e, em 1943, tomou posse, na mesma cadeira, agora no Liceu Cuiabano. Em 1946, assumiu a mesma disciplina na Escola Técnica de Comércio, onde se efetivou.

Em 1947, foi eleita a primeira vice-presidente da associação

29 Ver em <https://www.portalrosachoque.com.br/noticias/7749/seis-historias-que-inspiram-e-tambem-em-Nadaf-Yasmin-Jamil>. Op. Cit.

cultural Grêmio “Júlia Lopes”, tendo como presidente Maria de Lourdes de Oliveira e presidente de honra “Maria de Arruda Müller”. Foi a primeira oradora e membro do conselho da associação³⁰.

Escreveu na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras: *Discurso da Oradora do Grêmio Júlia Lopes*. 1941-1942(17-/20), *Discurso em Homenagem a Joaquim Nabuco*. 1948-1949 (31-34), *Oração em Nome do Grêmio Júlia Lopes*, 1956 (47-48), *Oração Paraninfal*. 1943(21-22), *Oração Paraninfal*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1954-1955 (43-46)

A **oitava** mulher a ter seus escritos publicados na Revista foi **Maria Santos Costa**, mais tarde Maria Úrsula Santos Costa Gehre, nascida em Cuiabá, aos 12 de janeiro de 1918.

Atuou como professora e funcionária pública. Seus poemas foram publicados no jornal *O Estado de Mato Grosso* e na revista *A Violeta*. Sua poesia apresenta intenso lirismo amoroso que emana em liberdade formal e pleno domínio da linguagem³¹.

Além de publicar sua lírica assinada pelo próprio nome, usou também as iniciais e os pseudônimos de *Marília* e *Mascote*. Segundo Nadaf, “Foi bibliotecária e secretária no Departamento de Estatística do IBGE, em Mato Grosso, e posteriormente secreta assistente do jornalista e escritos Archimedes Pereira Lima, na época diretor da Imprensa Oficial e do jornal *O Estado de Mato Grosso*”. Maria Santos Costa teve importante atuação no interior do Grêmio Literário Júlia Lopes, tendo deixado inúmeros escritos na revista *A Violeta*.³²

Contraiu núpcias com Eitel Gehre e passou a residir em Brasília, onde deu continuidade à sua produção literária. Nadaf

30 BARRETO, Neila Maria Souza. *Professora Guilhermina de Figueiredo*. In: <https://www.midianews.com.br/opiniaoprofessora-guilhermina-de-figueiredo/408059>

31 NADAF, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

32 Ibidem.

afirma ainda que, em meio à conjunto da sua poética, escreveu *Recordações da Infância*, obra inédita no formato de prosa³³.

No interior da Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, sua poética está estampada no número 13/14 (1939) e na Revista 21-22 (1943): *Fico as vezes Pensando o Porquê*, de 1939, *Meu Vestidinho Xadrez* e *Contradição* (1943). *Contradição*. 1943(21-22)

Na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, do ano de 1947, pela primeira vez, surgiu no periódico institucional uma seção intitulada *Páginas Femininas*. Foi a partir daí que outras mulheres de diversas nacionalidades e residentes em diversas partes do país passaram a escrever na Revista.

A **décima** mulher a publicar na Revista foi **Colombina**, pseudônimo de **Yde Scholenbach Blumenschein**. Estudou na Alemanha durante a infância. Aprendeu piano e canto. Começou a escrever aos 13 anos. Seus primeiros poemas foram publicados no jornal santista *A Tribuna*, além de revistas, como *O Malho*, *Fon-Fon* e *Careta*. Assinava com os pseudônimos de *Colombina* e *Paula Brasil*.

Casou-se com Hanery Blumenschein e com ele teve dois filhos. Separou-se do marido, o que causou escândalo na época. Mãe de Sudra Vana, também poetisa.

Fundou em 1932 a Casa do Poeta *Lampião de Gás*, ponto de encontro de escritores e literatos e que inicialmente funcionava em sua própria residência. Em 1948, o grupo passou a ter sede própria. Editou o jornal mensal *O Fanal*, publicação da *Casa do Poeta Lampião de Gás*.

Era chamada de *Cigarra do Planalto* e *Poetisa do Amor*. Em sua homenagem, uma rua no bairro do Butantã, em São

³³ Ibidem.

Paulo é nominada Rua Poetisa Colombina.

Foi patrona da cadeira número 37 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Publicou *Vislumbres*. São Paulo: [s.n.], 1908; *Versos em lá menor*. São Paulo: São Paulo Editora Ltda, 1930; *Lampião de gás*. São Paulo: Tip. Cupolo, 1937; *Sândalo*. São Paulo: [s.n.], 1941; *Uma cigarra cantou para você*. São Paulo: [s.n.], 1946; *Distância: poemas de amor e de renúncia*. São Paulo: [s.n.], 1947; *Gratidão*. São Paulo: Editora Cupolo Ltda, 1954; *Para você, meu amor*. São Paulo: Cupolo, 1955; *Cantares de bem-querer*. São Paulo: Cupolo, 1956; *Manto de arlequim*. São Paulo: Cupolo, 1956; *Inverno em flor*. São Paulo: Cupolo, 1959; *Cantigas de luar*. São Paulo: Gráfica Canton, 1960; *Rapsódia rubra*. Salvador: SENAI, 1961.^[3]

A **décima primeira** a publicar na Revista foi **Sudra Vana**, que adotava o pseudônimo de **Elsa Elisabeth Blumenschein Cannone**. Nasceu em São Paulo, em 1913, e faleceu em 1954. Era filha da célebre poetisa Colombina (Yde Scholenbach Blumenschein). Em 1931, publicou seu primeiro livro: *Jornada Sentimental*. Na Revista da AML estampou “*Versos de Muito Amor*”, publicado 1954-1955 (43-46),

A **décima segunda** mulher a escrever na Revista da AML foi **Sudra Vivaldina Queiroz Martins**, nascida na Fazenda Campo Lindo em Cataguases, Minas Gerais. Foram seus pais: José de Queiroz Pereira e Luiza Henriques Queiroz Pereira. Professora. Seu primeiro livro foi “*Arco-Íris*” foi editado no Rio de Janeiro. Na Revista da AML publicou um único artigo: *Versos de Muito Amor*, no ano de 1954-1955.

A partir de 1985, ou seja, 64 anos após a admissão da primeira, Ana Luiza Prado Bastos, e 52 anos após o ingresso

de Maria de Arruda Müller, verifica-se o ingresso de mais duas acadêmicas, Vendra Iolanda Randazzo e Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues).

A **décima terceira** mulher a escrever na Revista foi **Vera Iolanda Randazzo**, ocasião em que foi publicado seu *Discurso de Posse*

Vera Iolanda Randazzo



Foto acervo Casa Barão de Melgaço

Vera Iolanda Randazzo, nascida em Caxias do Sul-RS, aos 21 de setembro de 1927, veio para Mato Grosso a partir de 1955, radicando-se em Cuiabá, adotado como sua segunda terra natal e onde prestou relevantes serviços.

Dirigiu o atual Arquivo Público do Estado, organismo idealizado pelo Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, que era Secretário de Administração do Estado, tendo sido sua primeira Diretora.

Publicou diversos artigos nos jornais: *O Estado de Mato Grosso*, *A Tribuna Liberal*, *O Social Democrata*, *Diário de Cuiabá*, *Correio da Imprensa*, *Revistas do IHGMT* e da *AML*.

Escreveu os seguintes livros: *Pagmejera, Pagmejera!*; *As cartas do grande chefe à sua esposa*; *Quando morreu Pascoal Moreira Cabral?*; e diversos Catálogos de documentos históricos.

A Academia Mato-Grossense de Letras, em parceria com a UNEMAT, publicou uma coleção *Obras Raras da Literatura Mato-Grossense*, em 2008, sob a coordenação do Acadêmico Sebastião Carlos Gomes de Carvalho e Walnice Vilalva, dedicando o volume 6 para estampar a parte da produção de Randazzo. Em reconhecimento ao seu trabalho e produção intelectual, foi **sócia da Sociedade Amigos de Rondon, da Academia Paulistana de História, membro da Ordem dos Bandeirantes de São Paulo**.

Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso aos 19 de junho de 1976, tendo escolhido como patronesse Maria do Carmo de Mello Rego, e na Academia Mato-Grossense de Letras aos 10 de março de 1982, empossada na Cadeira n. 19.

Vera Randazzo publicou diversos artigos na Revista da AML desde 1985 até 2016, a saber, *Discurso de Posse*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1985; *O Centenário de José de Mesquita*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1991-1992 (1); *Cadeira nº 19*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1996; *Pagmejera, Pagmejera!* Parte III – Prosa – Crônicas e Contos. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 2016(2); *Manelantônio*. Crônica. Parte I. Crônica. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 98, 2019; *Pagmejera, pagmejera!* Parte I. Crônica. Revista da Academia

Mato-Grossense de Letras 98, 2019.

A **décima quarta** mulher a escrever na Revista foi a Acadêmica **Dunga Rodrigues**.

Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues)



Foto acervo Família Rodrigues. Casa Barão de Melgaço

Nasceu em Cuiabá-MT, aos 15 de julho de 1908, descendendo de Firmo José Rodrigues e Maria Rita Deschamps Rodrigues.

Quanto à sua formação, seus estudos iniciais foram realizados em Cuiabá, no tradicional Asilo Santa Rita, com a Professora Francesa Irmã Marie Vicent, então diplomada pelo Conservatório de Paris. Seus estudos foram seguidos com a intervenção dos professores Francisco Mendes, Emílio Heine, Irmã Alzira Bastos e a Polonesa Professora Helena Müller, dentre outras autoridades que lecionavam no Estado. Posteriormente, obteve a regularização de seus estudos, em

1972, no Conservatório Musical de Mato Grosso, onde recebeu avaliações da Profa. Dalva Lúcia Silva Duarte, obtendo o Curso Técnico de Piano e, em seguida, diplomou-se pelo Conservatório Brasileiro de Música (RJ), com certificado registrado junto ao Instituto Villa Lobos. Diplomou-se contadora pela Escola Técnica de Comércio de Cuiabá. Lecionou piano durante muitos anos junto ao Conservatório Mato-grossense de Música e no Conservatório Musical de Mato Grosso³⁴

Quanto aos estudos regulares, estudou na Escola Modelo Barão de Melgaço, sendo que o ensino médio foi concluído no Liceu Cuiabano. Quanto à sua atuação como musicista, além da graduação, obteve especialização em Música Brasileira através da Universidade Federal de Mato Grosso, foi pianista e compositora musical. Uma de suas composições, ainda inédita, foi *Espaço Sideral*, composta em homenagem à grande amiga Maria de Arruda Müller, quando esta completava seu centenário de vida. Dunga se apresentou ao piano, acompanhada da cantora Roma, espetáculo realizado na Casa Barão de Melgaço.

Estudou linguística, por um período de cinco anos consecutivos, sob a orientação do Professor Antônio Cesário de Figueiredo Neto. Sua diversificada formação trouxe-lhe a oportunidade de lecionar Língua Francesa e Fundamentos Sociais de Educação na Escola Normal Pedro Celestino, no Liceu Cuiabano, no Ginásio Brasil e na Escola Técnica Federal de Mato Grosso. De igual forma, foi professora junto ao SESC, SENAC, SESI, Clube Feminino e Clube Dom Bosco.³⁵

Grande parte de sua pesquisa foi desenvolvida na UFMT, junto ao **Núcleo de Documentação e Informação Histórica**

34 Para melhor informação, consulte CAMPOS, Amini Haddad, *Cadeira 39*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 2021.

35 Ibidem.

Regional da Universidade Federal de Mato Grosso, enquanto Agente Didático.

Como pianista, lecionou em diversas instituições musicais, sendo elas: Centro Artístico e Musical de Cuiabá, Conservatório Mato-Grossense de Música, Conservatório Musical de Mato Grosso, Conservatório Musical Dunga Rodrigues, onde era admirada pelo preciosismo de sua dedicação à música.

Pelos seus diversificados dons e extensa produção literária, foi admitida na Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 39), tomando posse a 19 de setembro de 1984, tendo anteriormente pertencido também ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ao Centro de Música Brasileira do Estado de São Paulo e integrado a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, além de ter sido associada ao Grêmio Literário **Júlia Lopes**.³⁶

Publicou as seguintes obras: *Antônio Simarinho: vida e composições*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1978. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 2); *Colcha de Retalhos*. Cuiabá: Defanti, 2000; *Cuiabá: Roteiro de Lendas*. Cuiabá: FUFMT, 1985. (Coleção Memória Social da Cuiabania); *Dr. Antonio Pedro de Figueiredo: vida e composições*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1978. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 3); *José Mamede da Silva Rondon: vida e composições*. Cuiabá: FUFMAT/NDIHR, 1978. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 4); *Lendas de Mato Grosso*. Cuiabá: Ed. da Autora, 1977; *Marphysa: romance de costumes (ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos do Candimba, das touradas do Campo d'Ourique e das Esmolas do Senhor Divino*. Cuiabá: FUFMAT/NDIHR, 1981. (Coleção Memória Social da Cuiabania, 1); *Movimento musical em Cuiabá*. Cuiabá:

³⁶ Ibidem.

Ed. da Autora, 2000; *Os Vizinhos*. Cuiabá: Secretaria de Educação e Cultura, 1977; *Reminiscência de Cuiabá*. Goiânia: 5 de Março, 1969; *Roteiro musical da cuiabania: a arte em Cuiabá*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1978. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 1); *Uma aventura em Mato Grosso*. Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 1984; *Ruínas*. In: A Chrysallida, 1927^a; *Vida*. In: A Chrysallida, 1927^b; *Ouvindo-te*. In: A Chrysallida, 1927^c; *Os malefícios do progresso*. In: A Chrysallida, 1927^d; *A felicidade*. In: A Chrysallida, 1927^e; *Cousas que se vão*. In: A Chrysallida, 1927^f; e *Tormentas*. In: A Chrysallida, 1927^g.³⁷

Amini Hadad Campos nos informa sobre um interessante documentário sobre Dunga.³⁸

Dunga Rodrigues faleceu na cidade litorânea de Santos-SP, no dia 8 de janeiro de 2001. Seu corpo foi cremado e as cinzas trazidas para Cuiabá e depositadas no Cemitério do Porto de Cuiabá, ao lado de seu pai, Firmo José Rodrigues.

Na ocasião da missa das cinzas, a Casa Barão de Melgaço solicitou a doação de seu acervo para o Arquivo institucional, o que aceito pela família. Hoje, a biblioteca, papéis, fotografias, móveis e objetos que pertenceram à família Rodrigues (Firmo e Dunga) já se encontram organizados, catalogados e digitalizados.³⁹

Foram publicados os seguintes artigos de Dunga Rodrigues na Revista da AML: *Discurso de Posse*, 1985, *Cadeira nº 39*. 1996, *Mulheres de Fibra*. Parte III – Prosa – Crônicas e Contos. 2016(2), *Aspectos da Vida Cuiabana*. Parte I. Crônica. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 98, 2019.

37 Ibidem. Para consulta às obras de Dunga acesse *familiascasabarao*, Família Rodrigues, Dunga.

38 Consultar em: <https://www.youtube.com/watch?v=62hlEDvfygg&t=10s>. Acesso em 15 de julho de 2021.

39 Para ter acesso à documentação de Dunga, acesse *familiascasabarao*, Família Rodrigues, Dunga.

Nilza Queiroz Freire



Foto acervo Casa Barão de Melgaço

Dados Biográficos

Filha de Tarcílio Fernandes de Queiroz e Ana Pinto de Queiroz, nasceu em Cuiabá-MT, no dia 1º de julho de 1932.

Iniciou os estudos primários na Escola Modelo Barão de Melgaço, capacitando-se para os Exame de Admissão na Escola Particular da Prof^a Amélia de Arruda Alves (Prof^a Amelinha), em 1944. O ginásial foi cursado junto ao Colégio Estadual de Mato-Grosso e o médio na Escola Técnica de Comércio.

Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde ocupou por muitos anos os cargos de Secretária e de Tesoureira.

Atuação Profissional

Atuou profissionalmente junto à firma comercial Mattos & Nunes, entre 1949/1955; ao SESP: Serviço Especial de Saúde Pública – Ministério da Saúde – 1955/1978; escritório de Engenharia, Comércio e Indústria Ltda. – Encomind – 1981/1982.

Na Universidade Federal de Mato Grosso, atuou, de 1982, até aposentar-se no cargo de Contadora, junto à Gerência de Contabilidade da Coordenação Financeira; Chefe da Prestação de Contas; Chefe da Secretaria da Reitoria, entre os anos de 1988 e 1992.

Publicações

Publicou muitos artigos em periódicos de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, e em livro *Plano de Contas*, monografia apresentada no Curso de Especialização em Contabilidade/UFMT, 1983/4; *A Escola que Vivi*, documentário a respeito da escola pública, oferecido ao Governo do Estado de Mato Grosso; *Micro Empresas como Modelo*, trabalho oferecido à Funcep; *Crônicas da Cidade Verde* e, em co-edição com Ivan Echeverria e Aecim Tocantins, *Professora Alina: uma educadora além do seu tempo*.

No interior da Revista da AML, Nilza Queiroz Freire colaborou com os seguintes artigos: *Cadeira nº 14. AML e seu Lema*. 2012, *Discurso pronunciado por ocasião da abertura da sessão de posse da Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Cadeira 2, pela Presidente da AML*. 2015 (1), *Crendice*. Parte III – Prosa – Crônicas e Contos. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 2016(2), *Oração Fúnebre*. Sessão

Magna da Saudade em homenagem a Acadêmica Vera Iolanda Randazzo em 22 de março de 2019. 98, 2019, *Professor Benedito Pedro Dorileo*. Homenagem dos Acadêmicos à Benedito Pedro Dorileo. n. 99, 2020

Do Olhar Exógeno para o Endógeno

De 1921 até 1984, o Centro, depois Academia Mato-Grossense de Letras, insistia em incorporar em seu periódico majoritariamente artigos produzidos por literatas para além de seus quadros. Foi neste último ano, com a admissão de Vera Iolanda Randazzo (1982) e Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues, 1984), que o olhar mudou de foco, do exógeno para o endógeno, pois a identidade institucional deveria, necessariamente, ter como pano de fundo a produção Acadêmica. Por isso necessário se tornava mover o olhar, de fora, para dentro da instituição.

Nessa medida, 1984 constitui um marco na produção literária feminina da Academia Mato-Grossense de Letras que, nos anos sucessivos, irá desenvolver um intenso trabalho visando a recuperação da sua identidade. Para isso, alguns passos identitários foram dados, a saber:

Revistas Comemorativas

1996 (Revista Comemorativa do Jubileu de Diamante da AML)

A Revista do Jubileu de Diamante foi um importante marco no esboço da identidade institucional. Tudo começou quando foi apresentado um projeto para elaborá-la, recuperando parte

substantiva da trajetória institucional. O projeto foi aprovado e a AML entrou em contato com os ocupantes das Cadeiras solicitando que escrevessem sobre ela. Boa parte aderiu, porém, algumas, por vagas, foram escritas pela equipe.

O projeto foi levado à UFMT que se comprometeu a imprimir este periódico tão relevante para a instituição e que marcava o Jubileu de Diamante, ou seja, os 75 anos da Academia Mato-Grossense de Letras.

O periódico passou a incorporar quase que somente artigos de Acadêmicos, a exceção do Prefácio, de autoria da então Reitora Luzia Guimarães. Colaboraram nesta Revista as seguintes Acadêmicas: **Elizabeth Madureira Siqueira**. *Os Onze Primeiros, dos 75 anos da Academia Mato-grossense de Letras: a Criação, Constituição e Vida Intelectual do Centro Mato-grossense de Letras (1921-1932)*.; **Elizabeth Madureira Siqueira**. *Cadeiras 1, 3, 4, 6, 24, 28, 29, 36 e 37*; **Maria de Arruda Müller**. *Cadeira nº 7*; **Nilza Queiroz Freire**. *Cadeira nº 14*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1996

Vera Randazzo. *Cadeira nº 19*; **Yasmin Jamil Nadaf**. *Cadeira nº 38*; **Dunga Rodrigues**. *Cadeira nº 39*.

Revista comemorativa dos 90 anos

Em 2012, uma nova revista exclusivamente institucional, visto que comemorativa do **nonagésimo ano de existência da Instituição**, à época presidida pela primeira mulher Presidente da AML, **Nilza Queiroz Freire**. Dela participaram inúmeros Acadêmicos e o seu dossiê privilegiou as comemorações dos 90 anos da AML. Apenas 4 Acadêmicas escreveram neste periódico: **Nilza Queiroz Freire**. *A Academia Mato-Grossense de Letras e seu Lema*, 2012; **Amini Haddad Campos**. *Pesadelos D'Alma*,

2012; **Elizabeth Madureira Siqueira**. *Universo Cultural de Mato Grosso no Século XIX*, 2012; e **Yasmin Jamil Nadaf**. *Raimundo Maranhão Ayres: Um Intelectual Coletivo em Meio ao Sertão de Mato Grosso*, 2012.

Recuperando os Discursos Acadêmicos rumo à memória institucional

As duas Revistas de 2015, sob a presidência do Acadêmico **Eduardo Mahon**, marcaram mais um reforço rumo à reconstrução da memória institucional, visto ter publicado os discursos de abertura de sessão, os de recepção e os de posse que ainda não haviam sido publicados.

O olhar, nessa medida, voltava-se para o interior da Instituição e de seus membros. A escrita feminina se fez presente:

Cadeira 2 - *Sessão solene de posse da Acadêmica **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**: abertura da sessão pela Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, **Nilza Queiroz Freire**; discurso de recepção, pelo Acadêmico **Benedito Pedro Dorileo**; discurso de posse da Acadêmica **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**.*

Cadeira 4 - *Sessão solene de posse da **Lucinda Nogueira Persona**: abertura da sessão pela Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, **Eduardo Mahon**; discurso de recepção, pela Acadêmica **Yasmin Jamil Nadaf**; discurso de posse da Acadêmica **Lucinda Nogueira Persona***

Cadeira 7 - *Sessão solene de posse do Acadêmico **Yvens Cuiabano Scaff**: discurso de recepção, pela Acadêmica **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**; discurso de posse do Acadêmico **Yvens Cuiabano Scaff***

Cadeira 18 - *Sessão solene de posse da Acadêmica*

Marta Helena Cocco: discurso de recepção, pelo Acadêmico Eduardo Mahon; discurso de posse da Acadêmica **Marta Helena Cocco**, que foi recepcionada pelo Acadêmico Eduardo Mahon.

Ainda recuperando os Discursos

Na **Revista de 2016/1**, foi dado prosseguimento na publicação dos discursos pronunciados pela então Presidente **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, a saber:

*Discurso proferido pela Acadêmica **Marília Beatriz de Figueiredo Leite** por ocasião de sua posse na Presidência da AML*

*Discurso proferido pela Presidente **Marília Beatriz de Figueiredo Leite** por ocasião das comemorações do Centenário de nascimento de Rubens de Mendonça - Face Satírica: Entre Brincar e Educar*

*Discurso proferido pela Presidente **Marília Beatriz de Figueiredo Leite** por ocasião do encerramento das comemorações do Centenário de nascimento de Rubens de Mendonça*

*Discurso pronunciado pela Presidente **Marília Beatriz de Figueiredo Leite** por ocasião da abertura das festividades comemorativas do centenário do nascimento de Gervásio Leite*

*Discurso proferido pela Presidente da AML **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, por ocasião da inauguração do Espaço Justiça, Cultura e Arte Gervásio Leite, junto ao Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso.*

*Discurso pronunciado pela Presidente da AML, **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, por ocasião do lançamento da Trilogia Banquete de Palavras, de Autoria do Acadêmico João Antonio Neto*

*Discurso de agradecimento ao Presidente Eduardo Mahon e à Diretoria 2013-2015, proferido pela Acadêmica e Vice-Presidente, **Elizabeth Madureira Siqueira***

Na segunda parte da **Revista 2016/1** tiveram prosseguimento os discursos de abertura, recepção e posse dos Acadêmicos, deles participando as seguintes Acadêmicas:

Cadeira 6 - *Discurso de Recepção ao Acadêmico Lourembergue Alves, por **Elizabeth Madureira Siqueira**. Discurso de Posse do Acadêmico Lourembergue Alves*

Cadeira 15 - *Discurso de abertura da sessão de posse da Acadêmica **Olga Maria Castrillon Mendes**, pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon. Discurso de Recepção à Acadêmica Olga Castrillon Mendes, pelo Acadêmico Moisés Mendes Martins Júnior*

*Discurso de Posse da Acadêmica **Olga Castrillon Mendes**.*

Cadeira 16 - *Discurso de Abertura da sessão de posse da Acadêmica **Maria Cristina de Aguiar Campos**, pelo Presidente Eduardo Mahon. Discurso de Recepção à Acadêmica Maria Cristina de Aguiar Campos, pela Acadêmica **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**. Discurso de Posse da Acadêmica **Maria Cristina de Aguiar Campos***

Cadeira 31 - *Discurso de Recepção à Acadêmica **Luciene Carvalho**, pelo Presidente Eduardo Mahon. Discurso de Posse da Acadêmica **Luciene Carvalho**.*

Cadeira 39 - *Discurso de Recepção à Acadêmica **Amini Haddad Campos**, pelo Acadêmico-Presidente Carlos Gomes de Carvalho. Discurso de Posse da Acadêmica **Amini Haddad Campos***

Encerrando a gestão 2013-2015, a Curadoria da Casa Barão se fez presente apresentando um *Relatório dos seus trabalhos*, por **Elizabeth Madureira Siqueira**

Cadeira 29 - Sessão solene de posse da Acadêmica **Elizabeth Madureira Siqueira**: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, João Alberto Novis Gomes Monteiro; discurso de recepção, pelo Acadêmico Pedro Rocha Jucá; discurso de posse da Acadêmica **Elizabeth Madureira Siqueira**

Cadeira 34 - Sessão solene de posse da Acadêmica **Sueli Batista**: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon; discurso de recepção, pela Acadêmica **Elizabeth Madureira Siqueira**; discurso de posse da Acadêmica **Sueli Batista dos Santos**

Cadeira 38 - Sessão solene de posse da Acadêmica **Yasmin Jamil Nadaf**: discurso de recepção, pelo Acadêmico João Antonio Neto; discurso de posse da Acadêmica **Yasmin Jamil Nadaf**.

Seleta literária: uma inovação

A **Revista 2016/2**, comemorativa dos 95 anos da AML, apresentou uma inovação, incorporando uma seleta de poemas e crônicas dos Acadêmicos, tanto antecedentes, mas também dos que haviam sido empossados recentemente. Uma revista diferenciada e muito oportuna, reveladora da necessidade de se olhar a instituição por dentro. Foram recuperados os seguintes textos das Acadêmicas: **Maria de Arruda Müller**. *Sonata ao Luar*

Sueli Batista dos Santos. *Pássaro Passará e Chapada*

Reluz; **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**. *Espaço e Poesias sem título*; **Lucinda Nogueira Persona**. *Estrelas, Um pássaro, Público amor*; **Luciene Carvalho**. *Outros Tempos, Da condição de filha, Preguiça e Estigma de um gênero*; **Maria Cristina Campos**. *Chapada sem Guimarães, (Des)envolvimento e O intenso visto*; **Marta Cocco**. *Deduções, Bucolismo tropical e Previsão*; **Maria Benedita Deschmaps Rodrigues** (Dunga Rodrigues) *Mulheres de Fibra*; **Nilza Queiroz Freire**. *Crendice*; **Amini Haddad Campos**. *Pesadelos d'Alma?*; **Olga Maria Castrillon Mendes**. *O Monumento, O Poema, A Memória*; **Yasmin Jamil Nadaf**. *A Propósito de Machado de Assis na Literatura de Mato Grosso (Primeira metade do século XX) (crônica)*; **Vera Randazzo**. *Pagmejera, Pagmejera!* e **Elizabeth Madureira Siqueira**. *A Dança das Cadeiras Acadêmicas*.

Recuperando ainda mais a memória

A **Revista 98 – 2019** aprofundou mais ainda o resgate da memória institucional. O próprio Editorial, *Veículo atualizado das ideias*, de autoria do Editor **Carlos Gomes de Carvalho**, já indicava do dossiê. Dividida em 4 partes, na primeira *Estudos*, incorporou o artigo de **Marta Helena Cocco** intitulado *Uma das faces do contemporâneo na poesia de Lucinda Persona: a sacralização e celebração do espaço-tempo*. Na parte dedicada às *Crônicas*, a participação feminina foi mais intensa, visto ter incorporado *Aspectos da Vida Cuiabana*, de autoria de **Dunga Rodrigues**, *Para o Futuro*, de autoria de **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, de **Vera Randazzo**, *Pagmejera, Pagmejera!* *Manelantônio*. Na parte da *Ficção*, não houve participação de mulheres. Na *Poesia* foram estampados os seguintes poemas:

Lucinda Persona. *Gênese*, e *Os restos mortais do cerrado*, seguido da poética de **Maria de Arruda Müller**, *Cuiabá*, *Conformismo* e *Melancolia*. **Sueli Batista dos Santos**. *A Lata*.

Na Parte II contribuíram na *Tribuna Acadêmica* a escrita de **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, com *Saudação ao Presidente* e **Nilza Queiroz Freire**, com *Oração Fúnebre*. Na Parte III não foram estampados escritos femininos.

Uma Tripla Homenagem

Na **Revista 99, de 2020**, a memória institucional foi ainda mais aprofundada, visto que dedicada a uma Tripla homenagem: pelo transcurso do Centenário de vida do Acadêmico João Antonio Neto, e pela memória de dois Acadêmicos falecidos, Benedito Pedro Dorileo e Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Este foi mais um reforço na recuperação da memória Institucional, uma vez que se aprofundou no estudo e análise crítica da vida e obra das três personalidades.

Feitos os convites, dela participaram, além dos Acadêmicos atuais, os familiares das três famílias dos homenageados. Os colaboradores puderam escolher escrever sobre uma só personalidade, sobre duas e até mesmo escrever sobre os três homenageados.

Na primeira parte, dedicada ao centenário de vida do Acadêmico João Antonio Neto, colaboraram as seguintes Acadêmicas: **Sueli Batista dos Santos**, que se incumbiu da Apresentação geral da Revista: *Emoldurando Memórias*. Participou também sua filha, Regina Beatriz Guimarães Neto, com *João Antônio Neto: a coragem da ética - nosso pai e grande ser humano*. Em seguida escreveram as acadêmicas **Neila Maria Souza Barreto**, com *Centenário de João Antônio Neto*. **Marta Helena Cocco**, com *A consciência iluminada de João Antonio*

Neto e Elizabeth Madureira Siqueira, com Dois momentos da literatura de Mato Grosso definidos por um sujeito partícipe e especial, João Antonio Neto.

Na segunda parte, dedicada à memória do Acadêmico falecido Benedito Pedro Dorileo, escreveram as Acadêmicas **Nilza Queiroz Freire**, com *Professor Benedito Pedro Dorileo* e **Elizabeth Madureira Siqueira**, *Benedito Pedro Dorileo e sua estreita sintonia com a educação.*

A terceira e última parte, dedicada à memória da Acadêmica falecida Marília Beatriz de Figueiredo Leite, foi iniciada com o texto de sua irmã Moema Figueiredo Leite, com *Marília – U.Ie T.M.*, seguido dos artigos das Acadêmicas **Lucinda Nogueira Persona**, com *Marília Beatriz: traços de uma poética*, seguido da contribuição de **Olga Maria Castrillon Mendes**, com *Marília Beatriz em absoluta sinestesia*, do artigo de **Marta Helena Cocco**, *No entanto*, seguido de **Sueli Batista dos Santos**. *Legado, inspiração e saudades*, **Elizabeth Madureira Siqueira**. *Acróstico para Marília*, e **Lindinalva Rodrigues**. *Papai, como eu me saí?*

A Revista Centenária (1921-2021)

A **Revista 100**, organizada em 2021 e editada em 2022, representou o coroamento dos esforços pretéritos, uma vez que todos os Acadêmicos foram convidados a escrever sobre sua Cadeira, incluindo o Patrono e todos os Ocupantes, seguida da Galeria dos Presidentes. Os 40 Acadêmicos aderiram à proposta, resultando num periódico que retratou a imagem contemporânea da instituição.

As Acadêmicas que escreveram neste periódico foram: **Sueli Batista dos Santos** em *Uma revista viva, à guisa de Apresentação*. No que concerne às Cadeiras Acadêmicas, **Marli**

Wolker, Cadeira 2. Lucinda Nogueira Persona, Cadeira 4. Nilza Queiroz Freire, Cadeira 14. Olga Maria Castrillon Mendes, Cadeira 15. Maria Cristina de Aguiar Campos, Cadeira 16. Marta Helens Cocco, Cadeira 18. Neila Maria Souza Barreto, Cadeira 19. Elizabeth Madureira Siqueira, Cadeira 29. Luciene Carvalho, Cadeira 31. Sueli Batista dos Santos, Cadeira 34. Lindinalva Rodrigues, Cadeira 37. Yasmin Jamil Nadaf, Cadeira 38 e Amini Hadad Campos. Cadeira 39.

FOMOS AO TODO 18, HOJE SOMAMOS 13

Acadêmicas FALECIDAS



ANA LUIZA PRADO BASTOS

Posse: 1921

Cadeira 27 – 1ª Ocupante



MARIA DE ARRUDA MÜLLER

Posse: 26/01/1931

Cadeira 7 – 2ª Ocupante



VERA IOLANDA RANDAZZO

Posse: 10/03/1982

Cadeira 19 – 2ª Ocupante



DUNGA RODRIGUES
Posse: 19/09/1984
Cadeira 39 - 2ª Ocupante



MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE
Posse: 10/09/2013
Cadeira 2 - 3ª Ocupante

Somos 13, mas valemos por muitas



NILZA QUEIROZ FREIRE
Posse 25/11/1993

Primeira Presidente da AML
1ª Presidente da AML



YASMIN JAMIL NADAF
Posse 27/10/1995



ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA
Posse 20/11/1995



LUCINDA NOGUEIRA PERSONA
Posse 08/12/1997



AMINI HADDAD CAMPOS
Posse 01/09/2006



MARTA HELENA COCCO
Posse 31/10/2014



SUELI BATISTA DOS SANTOS
Posse 18/11/2014
Atual Presidente AML



MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS
Posse 02/05/2015



OLGA MARIA CASTRILLON-MENDES
Posse 29/05/2015



LUCIENE CARVALHO
Posse 13/08/2015



LINDINALVA RODRIGUES
POSSE 12/11/2019



NEILA MARIA SOUZA BARRETO
Posse 29/11/1919



MARLI WOLKER
Posse 14/09/2021

Respondendo à indagação inicial

A que se atribuiu a alteração, nas Revistas - do olhar Exógeno para o Endógeno? Analisando o conjunto do periódico do Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras, concebe-se que isso se deveu, basicamente, aos trabalhos de preservação da memória institucional⁴⁰, seja no recolhimento, arranjo e digitalização dos acervos privados dos Acadêmicos falecidos, tornando-os acessíveis ao conjunto dos associados, mas também aos esforços na publicação de revistas comemorativas, a exemplo daquela dos 75 anos, a dos 90 e dos 95 anos e agora a dos 100 anos, o que obrigou um foco maior para o interior institucional. Não menos importantes foram as Revistas de 2015 e 2016, que estamparam os discursos de abertura, recepção e posse dos Acadêmicos e Presidentes, numa demonstração de reforço ao pertencimento.

Assim, as Revistas do Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras, da mesma forma de outros periódicos, foram extremamente importantes para delinear a trajetória institucional em termos de publicação, esboçando a produção intelectual de seus membros e delineando a trajetória institucional ao longo de 100 anos.

40 Vd. Site *familiascasabarao*, site da AML.